

Relações públicas a serviço de uma função social da universidade:

A extensão como caminho.

*Roberto Fonseca Vieira

"A Universidade, enquanto instituição, é produzida simultaneamente e em ação recíproca com a produção das condições materiais e das demais formas espirituais. É, pois, produzida com expressão do grau de desenvolvimento da sociedade em seu conjunto".

Inúmeros estudiosos aceitaram o desafio de empreender o estudo da gênese e do desenvolvimento do ensino superior no Brasil, num valioso empenho de sistematização de pesquisas históricas e de reinterpretção da própria história.

No continente latino-americano, de colonização espanhola, têm-se informações de que a universidade não foi uma instituição esquecida. À título de recordação: no século XVI houve uma experiência em São Domingos, ainda que pouco significativa. Em 1553, no México, faculdades como filosofia, direito, teologia, e posteriormente medicina, apontaram uma significativa preocupação com o ensino superior. Posteriormente, têm-se notícias das Universidades de São Marcos (Peru), de São Felipe (Chile), Córdoba (Argentina) e outras — na América espanhola. Entretanto, no Brasil, de colonização portuguesa, o aparecimento da universidade foi tardio — um século, após a independência.

É sabido o interesse da Coroa Portuguesa em valorizar a Universidade de Coimbra, onde brasileiros — agraciados com bolsa de estudo — foram cultivar o "espírito" das ciências, das letras e das artes. Factualmente, a colônia brasileira mantinha-se incapaz de desenvolver o ensino superior.

Não se pretende, aqui, nem mesmo um breve histórico das origens do ensino superior no Brasil, entretanto, a discussão que se quer estabelecer acerca da **universidade** e suas **responsabilidades sociais**, refletindo sobre um **paradigma de extensão universitária**, exige que se esclareça ou assumam — no mundo acadêmico — o desinteresse político, historicamente flagrante, com a questão do saber, do conhecer, que implica — neces-

sariamente — a questão da **formação do juízo crítico**, em nossa sociedade.

Das experiências dos Seminários Jesuíticos, das Academias Reais (iniciativas no Brasil Colônia e Império) ao empreendimento da Universidade no Brasil Republicano (e no que pesem os diferentes momentos da vida Republicana do Estado) as críticas que já avultavam ao projeto de universidade brasileira encontram no Brasil de hoje ainda relevante atualidade. A universidade de "fachada", burocrática, sem identidade etc. Ainda que se há de ressaltar o enorme avanço de inúmeras e respeitáveis instituições no contexto da sociedade atual.

Adota-se uma premissa: a universidade brasileira é uma instituição nova, tamanhos os obstáculos que enfrentou historicamente para se constituir numa organização respeitável, produtiva que "conquistou o direito à voz".

A preocupação que permeia o presente ensaio diz respeito às **possibilidades de mobilização da Comunidade Acadêmica** em direção às prerrogativas — presentes, contudentes e sérias — e **reclamos/necessidades da sociedade próxima** — da **comunidade**; impõe-se que se indague acerca do comportamento acadêmico face às mudanças estruturais, que se impõem numa visão mais igualitária dos segmentos sociais.

Refletindo sobre o exposto, internamente (mas não solitariamente), a Faculdade de Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ — concebeu como caminho de **participação intensiva**, da Faculdade e da Universidade, o repensar dos projetos de extensão acadêmica. A Faculdade (FCS/UERJ) acredita haver um espaço aberto, concretamente, que está a exigir um **trabalho interdisciplinar**, imaginando que a própria Faculdade de Comunicação Social — pelo caráter interdisciplinar da Comunicação Social — deva atuar como um dos agentes do processo integração/extensão — universidade/comunidade.

O ESTUDANTE E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Atividades desenvolvidas no âmbito da comunidade próxima (circundante)

proporciona ao estudante de 3º grau uma vivência, um contato direto com a realidade, com problemáticas sociais cujas soluções ainda estão por ser empreendidas. Caracteriza-se, assim, a natureza eminentemente comunitária de possíveis estágios de cunho curricular, seriamente possibilitadora do deflagrar de uma consciência social do estudante. A formação de uma consciência crítico-social, do estudante, significa uma vivência de cidadania, e a "esperança" de poder estar formando profissionais/cidadãos de espírito ativo e participante da comunidade, na qual estão inseridos.

Coloca-se em questão, o próprio processo de socialização do estudante, comprometendo-o com um quadro societário que está a exigir resgates sociais e humanização fazendo da universidade o fórum da reflexão urgente, imediata, e desmitificando um "saber acadêmico" cuja função por excelência seria a retórica do "um exacerbado formalismo" científico.

A prática da extensão universitária, na medida em que envolve universitários em situações concretas, que constituem realidades a serem observadas, refletidas e dimensionadas na busca de soluções, certamente não ignora o desafio que lança, e os obstáculos que hão de se avultar, entretanto identifica — tal prática — como um rico processo de aprendizagem (de vida, de estudo, de técnicas e de criatividade) que se oferece ao universitário numa **experiência viva**: a apreensão do real, sem simulação, ou seja, é uma oportunidade de **aprender fazendo**.

A prática da extensão contribui como canal permanente de informação acerca do real, possibilita uma formação crítica e prática ao estudante. Tal processo há de ser realizado com a participação de vários segmentos (internamente: professores e alunos, possivelmente servidores administrativos — até como pessoas-fonte, reais do grupo comunitário em exame), instituições interessadas em colaborar (conveniadas, ou não), e as populações a serem alvo dos esforços e benefícios (convidadas a dizer o que pensam e precisam, desde as primeiras diagnoses, afastando possíveis e indesejáveis pater-

nalismos dos que lhe desejam fazer beneficiários de uma integração, de um diálogo, a todos necessários).

RELAÇÕES PÚBLICAS NA UNIVERSIDADE

A universidade, empenhando-se no desempenho de suas funções sociais, reconhece a necessidade de se relacionar com seus públicos-alvos, e para tanto urge comunicar sua filosofia e política institucional. Estabelecer um canal de comunicação com os seus públicos exige planejamento criterioso de comunicação social, para divulgação de informações fidedignas e adequadas; para deflagrar processos utilíssimos ao fortalecimento de **relações, integração e cooperação**. Assim pensando, concebe-se a atividade de **Relações Públicas**, com um necessário e valioso recurso no estabelecimento do canal (facilitador) da comunicação instituição/instituição, instituição/comunidade e organização/públicos-alvo.

Cabe, também, destacar para reflexão, que as atividades do ensino e pesquisa, na universidade, produzem certamente conhecimentos, sistematiza-os, mas que nem sempre expressam um "grau" de preocupação com a responsabilidade social, que se lhes atribui, pelo alcance da disseminação do saber, do efeito multiplicador da geração de idéias, e pela ação junto à públicos diversos (desde o aluno à organizações várias, que constituem o corpo social).

Indaga-se de modo pragmático do como deflagrar o conhecimento da comunidade (segmento societário) que se quer assistir, de modo a Universidade poder exercer uma função social, de relevância inquestionável, sem ser assistencialista-paternalista.

A reflexão no âmbito (interno) da universidade se impõe para articulação da participação geradora de idéias, para um inadiável repensar de política institucional de extensão universitária; se impõe, até, para o desenvolvimento de uma **atitude dialogal** entre segmentos vários num campus universitário, **como se pode exemplificar com a UERJ**.

Discussão, debate realimentam o conhecimento (até, o auto-conhecimento) e facilitam as condições para um engajamento da universidade no projeto de construção das relações comunitárias.

Metalinguagem e redundância são recursos lingüísticos utilíssimos para se reafirmar: as Relações Públicas são um meio valioso, para a universidade, para

favorecer o compromisso social comunitário — que se privilegia eticamente como importante — além de poder auxiliar, dentro de um espírito pedagógico, à universidade, na viabilização de um fim educacional de formação do homem comprometido com o exercício de uma cidadania responsável.

Para discutir **Relações Públicas como um processo de integração universidade-comunidade**, através da **extensão acadêmica, e contextualizar a proposição da Faculdade de Comunicação Social da UERJ**, incursões conceituais seriam úteis para a sedimentação da idéia (corpo do presente ensaio); entretanto evoca-se apenas um ilustre pensador — pelo senso acurado da necessidade do resgate da humanização do homem/para o homem:

"...Relações Públicas como processo... inicia-se e reativa-se pela informação, mantém-se com a comunicação e estrutura-se em interações..."²²

Julga-se, ainda, importante destacar a absoluta importância das comunidades (a serem estudadas e assistidas) terem garantido o direito à voz, no discurso de senso comum (possivelmente, até de pessoas semiletradas), quando até de prováveis obstaculizações à ação da universidade, com perguntas que podem ter como cerne a questão óbvia: "Que universidade é essa e a que veio?"

A sensibilização/conscientização da comunidade acadêmica para um "novo" papel social da universidade é questão de peso e alvo das discussões, que não de se impor internamente, como já fora mencionado. Empreender projetos "meritórios", de relevância real para as comunidades, requer do corpo universitário o empenhamento de esforços e recursos, para se privilegiar valores, metas e, em suma, corporificar uma política institucional de extensão universitária.

Numa caminhada, que já está em curso, a Faculdade de Comunicação da UERJ, entende que é preciso transpor obstáculos, dinamizar sua ação para o fazer (um passo difícil, depois do querer) e elege as **RELAÇÕES PÚBLICAS** como um verdadeiro agente de integração da universidade com a comunidade.

"A universidade deve erigir seus interesses e preocupações para as questões sociais. Para tanto, cabe-lhe buscar junto à própria comunidade, subsídios que lhe permitam detectar seus anseios numa postura de convivência aberta e horizontal"²³

Acredita-se que a universidade deva incentivar a crença no "produto" do seu trabalho: assim os futuros profissionais

dela provenientes — sedimentados por uma formação teórico-prática, tendo no estágio curricular, através da extensão acadêmica, uma oportunidade de vivência de cidadania real — hão de ser capazes de interagir no meio social de modo competente e responsável.

Última-se, assim, o presente ensaio com a *proposição* de um *redirecionamento do "pensamento" universitário em favor de uma política de Relações Públicas*, para atuar precipuamente, nos projetos de **extensão universitária**, ressaltando um dimensionamento filosófico da importância das Relações Públicas para o **dialogar humano**.

E dentro da proposição explicitada, a Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro reafirma a sua crença no valor da extensão acadêmica (compromissada com o **paradigma erigido de vanguarda da atuação de Relações Públicas**) por entender:

— a atividade de extensão universitária como uma das atribuições, que imprimem o necessário compromisso social, e daí a responsabilidade, a vitalidade da função para a universidade;

— a validade e necessidade de se dinamizar teoria e prática no desvelamento e na produção do saber;

— a urgência, no cenário do Brasil atual, da contextualização sócio-histórico dos rumos institucionais da universidade, para o repensar da felicidade humana face a crise ou as crises com as quais existencialmente todos convivemos;

— a importância do redimensionamento das **Relações Públicas** enquanto atividade, processo, agente curricular e **deflagrador do diálogo entre os homens**.

*Roberto Fonseca Vieira

- Diretor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.
- Eleito para o mandato 88/91.
- Conferencista e participante de Foruns diversos na área de Comunicação Social.
- Coordenador e membro da Comissão de Implantação da Faculdade de Comunicação Social/UERJ.
- Prof. da Disciplina Teoria de Relações Públicas.
- Diretor e Vice-Diretor Pró-temporare da Faculdade de Comunicação Social/UERJ no período de 1987/88.

Referências Bibliográficas

- 1 — SAVIANI, D. A universidade e a problemática da educação e cultura. Revista Educação Brasileira, RJ, (3), 42, ago. 1979.
- 2 — SIMÕES, Roberto Porto. Relações públicas: função política, Porto Alegre, Sagra faveale, 1987, 2ª ed., p. 35.
- 3 — FORUM PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO. Belo Horizonte/MG., maio/88.